

CULTURA E COMÉRCIO DA LARANJA, NA REGIÃO DA GUANABARA

Renato da Silveira Mendes

O Dr. RENATO DA SILVEIRA MENDES, assistente da cadeira de Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, sócio efetivo da A. G. B. e membro de sua Comissão Consultiva, de longa data vem dedicando sua atenção à geografia da Baixada Fluminense, região que já foi por ele percorrida em diversas ocasiões. Sua tese de doutoramento, defendida em fins de 1948, teve por título exatamente — “Paisagens Culturais da Baixada Fluminense”.

No presente trabalho, o autor estuda um aspecto geoeconômico de uma das parcelas dessa região do Estado do Rio de Janeiro, que tão bem conhece: a cultura e o comércio da laranja na Baixada da Guanabara.

A região da Guanabara. — A região da Guanabara, tal como aqui será entendida, abrange uma área de aproximadamente 3.800 km², compreendendo as terras baixas do Estado do Rio de Janeiro e do Distrito Federal, que se estendem desde a escarpa da Serra do Mar até às montanhas litorâneas das cidades do Rio de Janeiro e Niterói, geralmente conhecidas pelo nome de Maciço Carioca. De maneira sumária, coincide com as áreas drenadas pelos rios que deságuam na Baía de Guanabara.

O relêvo do solo caracteriza-se pela existência de *morros* ou *colinas* de poucas dezenas de metros de altitude, que emergem das planícies aluvionais, à semelhança de ilhas, como provávelmente devem ter sido na época em que o mar atingia a raiz da atual Serra do Mar. Os morros, com suas formas arredondadas ou de domos, são localmente denominados de “meias-laranjas” e, estruturalmente, são formados de rochas arqueanas (gnaisses e granitos), bastante decompostas pela ação do clima quente e úmido. A rocha matriz, capeada por uma camada de argila fortemente avermelhada, raramente desponta nos morros.

As *planícies* e as *várzeas*, relativamente pequenas, são formadas por aluviões quaternários e resultam da ação do mar e dos rios.

Os cortes geológicos destacam faixas de areia e de argila correspondendo a diferentes fases de colmatagem pelo mar ou de aluvionamento pelos rios e enxurradas, que descem dos morros e da própria Serra do Mar.

O clima da Baixada da Guanabara, segundo a classificação de Köppen, pertence ao tipo Afw, isto é, clima de floresta tropical, com uma estação seca no inverno. A média anual da temperatura é superior a 22°C, não havendo nenhum mês com temperatura inferior a 18°C; a amplitude térmica é inferior a 6°C. As precipitações oscilam entre 600 e 1.300 mm. Entretanto, se a pluviosidade na Baixada não é excessiva, o mesmo não acontece na escarpa da Serra do Mar, onde em vários trechos as chuvas ultrapassam 2.000 mm. Tal fato, aliado ao relevo do solo, repercute decisivamente sobre as condições físicas da região, pois a rede hidrográfica, em virtude da fraca declividade da planície e da concentração das chuvas em alguns meses do verão, determina constantes inundações. Os rios da região, típicos cursos d'água de planícies aluvionais, extravasam durante o verão, inundando as várzeas. A drenagem insuficiente é agravada por outros fatores, tais como a vegetação natural e a própria ação do homem, graças à construção de aterros para as estradas de ferro e de rodagem, barrando o escoamento normal dos cursos fluviais.

O problema máximo da região consiste, portanto, nos *pântanos*, áreas improdutivas e focos dos anofelinos propagadores da malária. Durante o período colonial e até meados do século passado, a lavoura canavieira, implantada na região, fez com que o homem, ocupando as várzeas e utilizando-se dos rios como vias de comunicação, drenasse em grande parte os pantanais da Baixada. A decadência dessa atividade econômica regional, iniciada na segunda metade do século XIX, ocasionou o despovoamento da zona rural, o abandono quase completo das terras e a conseqüente volta à paisagem natural dos pantanais.

Apesar disso, as condições naturais não são desfavoráveis à cultura da laranja na Baixada da Guanabara. Ao contrário do que acontece na Califórnia, onde há necessidade de irrigação do solo, as planícies devem ser drenadas para que possam produzir. Os solos argilosos das várzeas, conhecidos pelo nome de "tabatinga", bem como os dos morros, resultante da decomposição do gnaisse, são propícios àquela cultura, embora a quantidade de humo não seja grande na maior parte da região, pois as florestas já foram devastadas há muito pelo homem, sendo a *vegetação* natural formada principalmente de capoeiras e cerrados.

Fatores econômicos da expansão da citricultura na região. — A cultura da laranja na região da Guanabara é bastante antiga, datando dos primeiros tempos da colonização européia. Entretanto, tratava-se de uma cultura subsidiária, de chácaras, destinada apenas ao consumo local das populações rurais e urbanas das proximidades; o mercado mais importante era a cidade do Rio de Janeiro.

No ano de 1886, tentativas feitas para exportação de laranja do Rio para os países do Prata não obtiveram resultados, em virtude da forte barreira alfandegária encontrada na República Argentina e no Uruguai. Somente a partir de 1910, reiniciaram-se, com certo êxito, as remessas de frutas cítricas do Rio de Janeiro para os países platinos; o grande surto da exportação da laranja, entretanto, só se inicia a partir do ano de 1926, quando os mercados da Europa Ocidental, especialmente os da Grã-Bretanha, passaram a consumir a laranja brasileira em larga escala.

Embora as condições naturais fôsem bastante favoráveis à implantação e ao desenvolvimento da citricultura na região da Guanabara, na realidade somente se processou essa expansão após o advento de uma série de fatores econômicos. Assim, por exemplo, o verdadeiro impulsionador da citricultura, tanto na região como no Estado de São Paulo, foi o aumento do poder aquisitivo das populações urbanas da Europa Ocidental. Além disso, não deve ser esquecido o progresso da indústria do frio, permitindo a exportação de produtos perecíveis, como é o caso da laranja, em câmaras frigoríficas. Igualmente, o aparelhamento técnico das casas de beneficiamento ou "Packing-houses", contribuiu decisivamente para o aumento do consumo dos países importadores em virtude da perfeita embalagem dos produtos.

Na região da Guanabara, um fator que desempenhou importante papel no desenvolvimento da cultura da laranja foi, inegavelmente, a especulação comercial. (1).

Tal especulação teve seu início no açambarcamento das terras da Paixada da Guanabara, desvalorizadíssimas após a derrocada da economia açucareira no século passado, e conseqüente expansão da insalubridade da região. Alguns capitalistas, residentes na cidade do Rio de Janeiro, adquiriram dos descendentes dos antigos senhores de engenho as velhas propriedades rurais abandonadas, onde a malária dizimava e expulsava os mais recalcitrantes; tal aquisição de terras era feita a preços muito baixos, na expectativa de uma futura valorização.

A subdivisão dessas terras teve início com o desenvolvimento dos subúrbios do Rio de Janeiro, à margem das estradas de ferro, quan-

(1) Vide NÓBREGA DA CUNHA — *Economia da citricultura*, em "Observador Econômico e Financeiro" — n.º 33, págs. 140-155.

do a classe média e os operários começaram a adquirir pequenos lotes, de 10 x 50 m, com a finalidade de construção da casa própria. Tal retalhamento propiciou fartos lucros aos negociantes, que passaram, então, a vender os lotes rurais, depois de uma inteligente propaganda feita nos jornais cariocas em torno das grandes oportunidades que oferecia a cultura da laranja para um rápido enriquecimento. O "slogan" — *laranja no pé, dinheiro na mão* — foi largamente difundido pela publicidade carioca.

A crescente procura dos produtos cítricos fazia com que, por preços compensadores, a produção total fôsse muitas vezes adquirida adiantadamente pelos intermediários, o que estimulou bastante o desenvolvimento da cultura da laranja na região da Guanabara.

Os capitalistas formaram, igualmente, os seus próprios pomares e passaram a revendê-los com larga margem de lucros. A afluência dos compradores fêz-se logo sentir e uma vaga bastante heterogênea precipitou-se para os pomares que surgiram na Baixada da Guanabara: eram pequenos negociantes, funcionários públicos e, até mesmo, lavradores... ansiosos por um rápido enriquecimento à custa do produto que estava em voga.

Como resultado desse grande surto da citricultura, a paisagem da região da Guanabara modificou-se em poucos anos. As antigas áreas abandonadas, onde o mato tudo invadia e a malária afugentava todos, passaram a ser cobertas por milhões de pés de laranja. No município de Nova-Iguaçu, em 1940, ano que pode ser considerado de máxima expansão da citricultura na região, havia cerca de 8.700.000 pés de laranja, numa área aproximada de 17.400 hectares. (2).

A citricultura se expandiu de preferência na margem ocidental da baía de Guanabara, particularmente em Nova Iguaçu e no Distrito Federal. Entretanto, em São Gonçalo e Itaboraí, na margem oriental, os pomares também ocupam extensões de certo vulto.

O sítio de laranja e a paisagem dos laranjais. — Na região da Guanabara, em conseqüência da expansão da citricultura, houve uma substituição das antigas propriedades dos tempos da lavoura açucareira (que se caracterizavam, pelo tamanho, como sendo grandes e médias propriedades), por pequenas propriedades ou sítios.

O exame do quadro abaixo evidencia perfeitamente esse retalhamento da propriedade nos municípios do Estado do Rio de Janeiro que contornam a Baía da Guanabara:

(2) Alguns aspectos históricos e estatísticos do município de Nova-Iguaçu, (pág. 5).

**DISTRIBUIÇÃO POR MUNICÍPIOS DO NÚMERO DE PEQUENOS,
MÉDIOS E GRANDES ESTABELECIMENTOS AGRÍCOLAS,
SEGUNDO OS RECENSEAMENTOS GERAIS.**

(Áreas em hectares)

Municípios	Ano de 1920				Ano de 1940			
	Até 40	De 41 a 200	Mais de 200	Total	Até 40	De 41 a 200	Mais de 200	Total
Nova-Iguaçu ...	213	29	38	280	1.451	62	18	1.531
Magé	34	50	36	120	63	41	21	125
Ilaborai	88	46	25	159	332	98	35	465
São Gonçalo ...	540	47	12	599	1.244	29	21	1.294
Niterói	6	3	0	9	46	4	0	50
TOTAL	881	175	111	1.167	3.136	234	95	3.465

O número de pequenas propriedades (até 40 hectares) aumentou de quase 4 vezes, isto é, de 881 passou para 3.136 e os grandes estabelecimentos agrícolas, que eram em 1920 em número de 111, passaram a ser de 95 no ano de 1940.

A maior subdivisão se processou justamente em Nova-Iguaçu, o principal município citricultor: das antigas 38 fazendas de mais de 200 hectares, só existiam 18 no ano de 1940, enquanto que os pequenos sítios, com áreas até 40 hectares, passaram de 213 no ano de 1920 para 1.451 no ano de 1940.

A característica do sítio de laranja é, portanto, a pequena extensão da propriedade, oscilando as áreas entre meio alqueire geométrico (cêrca de 2 hectares e meio) e o máximo de 20 alqueires geométricos (aproximadamente 100 hectares). O número de pés de laranja dos sítios varia entre 1.000 a 15.000 pés. Entretanto, existem citricultores que possuem vários sítios, sendo que o maior proprietário em Nova-Iguaçu conta com cêrca de 150.000 laranjeiras.

Apesar do parcelamento da propriedade, a *paisagem dos laranjais* apresenta uma notável uniformidade em várias áreas da região da Guanabara. Tal fato resulta da ocupação do solo ser contínua, isto é, existindo uma continuidade dos sítios, tem-se a impressão de uma única plantação.

Na região de Marapicu, a leste de Nova Iguaçu, a visão que se tem do alto de um morro é a de um único pomar, estendendo-se pelas planícies e colinas a perder de vista. Dificilmente divisamos entre as laranjeiras as casas de moradia, distanciadas uma das outras.

A paisagem dos laranjais reflete, portanto, o caráter exclusivista da monocultura, pois, na realidade, em largos trechos da Guanabara a laranja é a única cultura existente.

O alinhamento perfeitamente geométrico das laranjeiras e o verde-escuro da folhagem sugerem uma grande semelhança com a paisagem dos cafezais, mormente nos trechos em que a continuidade dos pomares abrange uma vasta área.

Outra característica da paisagem rural dos laranjais é a dispersão do "habitat". Na verdade, não existem aglomerações rurais de qualquer espécie; apenas encontramos as cidades e os sítios. Tal fato se deve ao tipo de propriedade da região dos laranjais, pois sendo uma cultura de pequena propriedade não existem as típicas "colônias" das nossas fazendas de café. Além da moradia do lavrador (proprietário, meeiro ou empregado), não se encontram outros edifícios ou benfeitorias anexos, pois as atividades agrícolas, num sítio de laranja, são exercidas quase que exclusivamente por habitantes das cidades e dos seus arredores. A capina e a poda são feitas mediante contratos de trabalhadores assalariados, diaristas, que, após o trabalho, voltam para suas casas nas zonas urbana e suburbana. Durante a colheita, que exige mão de obra numerosa, os trabalhadores assalariados são contratados pelo dono do "barracão" ("packing-house"), que adquiriu a safra. Sendo a laranja, logo após a colheita, enviada para os "barracões" das cidades, torna-se evidente a desnecessidade de qualquer depósito ou armazem nos pomares.

O elemento humano na região da Guanabara e a cultura da laranja. — Íntimamente associados à produção e ao comércio da laranja, na região da Guanabara, existem quatro categorias de pessoas.

A primeira é a dos *proprietários* dos laranjais, que geralmente residem na cidade do Rio de Janeiro ou em outros centros urbanos, como Nova-Iguaçu, Niterói, ou São Gonçalo, confiando o sítio a meeiros. Existem alguns proprietários de mais recursos que possuem vários sítios dispersos pela região; os seus pomares são geralmente os melhores quanto ao trato e a produção. Muitos desses donos de sítios são portugueses, não havendo, além de brasileiros e portugueses, praticamente outras nacionalidades. O elemento de *côr* também não possui propriedades na região dos laranjais.

A segunda categoria é a dos *meeiros*, que trabalham em sítios pelo sistema de parceria, cuidando dos pomares e recebendo a meação das colheitas. Em alguns sítios, os próprios meeiros formaram os pomares, auxiliados pelos proprietários, que custearam a aração, forneceram enxertos e construíram as habitações; em outros sítios, o

proprietário forma o pomar, entregando-o posteriormente ao meeiro. Os parceiros, na sua grande maioria, são portugueses, vindos há poucos anos e provenientes da província do Douro.

A terceira categoria é a dos *assalariados*, que são contratados a título precário pelo proprietário, pelo meeiro ou pelo dono do "barracão". São diaristas e trabalham de maneira muito irregular. A época de maior procura dos assalariados e, conseqüentemente, de melhores salários, é a da colheita, de junho a dezembro, principalmente nos meses de setembro e outubro. Atualmente, recebem em média de Cr\$ 20,00 a 30,00 por dia, mas muitos trabalham apenas 15 ou 20 dias por mês. Predomina o elemento negro entre os assalariados e, quanto à idade, há homens e meninos. Raramente as mulheres são contratadas para os trabalhos agrícolas na região citrícola da Guanabara. O elemento feminino é empregado exclusivamente nos "barracões", com salários que correspondem a dois terços (2/3) do percebido pelos homens. O trabalho nos "barracões" realiza-se somente no período da safra, e, após a colheita, as mulheres vão exercer profissões domésticas e os homens fazem pequenos serviços ou entregam-se à vadiagem, o que é mais comum.

Além da colheita, outras atividades dos assalariados consistem na capina e na poda dos pomares.

A situação dos trabalhadores assalariados é a mais precária possível, pois não possuem contratos que garantam o emprêgo durante todo o ano. Trata-se de uma atividade dependente do vulto da colheita e das conveniências para o proprietário. Em tais condições difíceis, o que ganham é gasto em pouco tempo e, muitos desses trabalhadores, recebendo semanalmente, não conseguem guardar nem para enfrentar as despesas de toda a semana, solicitando freqüentemente adiantamento ao empregador.

A quarta categoria é a dos *comerciantes* e proprietários das *casas de embalagem*. Às vezes, são também donos de laranjais, mas, em geral, só se dedicam ao beneficiamento, à embalagem do produto e à exportação.

Beneficiamento e comércio. — Os "barracões", casas de embalagem ou "packing-houses", são edifícios destinados ao beneficiamento e ao encaixotamento da laranja. Localizam-se nas cidades, tendo somente Nova-Iguaçu cerca de 20 desses estabelecimentos. Alguns de tais "barracões" dispõem de maquinismos bastante aperfeiçoados e, como representam um capital investido relativamente grande, só será lucrativa sua instalação nas cidades para onde convergem as safras de muitos sítios. Além disso, deve-se acrescentar a maior facilidade do encontro da mão de obra e a existência, nos centros urbanos, de energia elétrica para movimentar os maquinismos.

A laranja passa nos "barracões" por uma série de *operações*: 1.ª) — seleção pelo tamanho estandardizado nos mercados consumidores; 2.ª) — seleção pelo aspecto do fruto, sendo refugado principalmente os que se apresentam perfurados pela "môscas do Mediterrâneo"; 3.ª) — lavagem; 4.ª) — brunimento; 5.ª) — embrulho em papel de seda; 6.ª) — encaixotamento. A caixa de laranja, feita de pinho do Paraná, contém em média 250 frutos e sempre leva a marca do proprietário do "barracão", com a indicação da localidade de procedência.

O papel desempenhado pelas casas de embalagem no incremento da exportação da laranja foi muito importante, pois as perfeitas condições de acondicionamento influem sobre a aceitação do produto nos mercados estrangeiros, bastante exigentes quanto à apresentação do fruto.

Após o encaixotamento nos "barracões", a laranja é enviada para o porto do Rio de Janeiro; a produção de Nova-Iguaçu é, na maior parte, transportada por estrada de ferro, sendo apenas uma pequena parcela enviada por intermédio de caminhões. Quanto à produção da região oriental da Guanabara, nos municípios de São Gonçalo e Itaboraí, após o transporte rodoviário até os pequenos portos da baía, é ela enviada em pequenas embarcações ou chatas, rebocadas por lanchas, através da Guanabara até o cais do porto.

Em abril de 1946, principiou a funcionar no porto do Rio de Janeiro um importante estabelecimento destinado à armazenagem de frutas. Trata-se do "Frigorífico para Frutas" da Administração do Porto do Rio de Janeiro, grande edifício de cimento armado, possuindo 38 câmaras frigoríficas e uma capacidade para armazenar 400.000 caixas de laranjas ou 600.000 caixas de maçãs. Esse armazem-frigorífico destina-se ao depósito, não só de frutas destinadas à exportação, como também das importadas (pêras, maçãs). Possuindo um magnífico sistema de transporte interno, por meio de "tapis-roulant", a descarga de um vagão de 500 caixas, no frigorífico, é feita apenas em 15 minutos. Cada caixa de laranjas paga ao estabelecimento uma taxa de Cr\$ 2,00 por 10 dias de armazenagem.

O "Frigorífico para Frutas" veio preencher uma sensível lacuna no comércio de frutas, pois, em virtude da dificuldade para embarque em certas épocas, chegou a haver grandes perdas na exportação. Atualmente, acha-se, portanto, o porto do Rio perfeitamente aparelhado para o escoamento das safras de laranja da região da Guanabara.

Após o período de queda da exportação, durante a segunda guerra mundial, volta novamente a laranja a ser enviada para os mercados

européus, particularmente para a Grã-Bretanha, embora ainda não tenha atingido tal exportação o mesmo volume dos anos anteriores a 1940. Recentes dados estatísticos, fornecidos pelo Ministério da Agricultura, esclarecem que durante o ano de 1948, de junho a outubro, num total de 2.192.393 caixas de laranjas exportadas pelo pôrto do Rio de Janeiro, 1.224.213 caixas foram enviadas para a Argentina e as restantes 968.180 caixas para os países europeus. O futuro restabelecimento econômico da Europa Ocidental poderá propiciar um novo surto na exportação de laranjas para os seus importantes mercados consumidores, ocasionando, desta forma, um rejuvenescimento na economia citrícola da região da Guanabara.